



CATARINA FURTADO

EMBAIXADORA DE BOA VONTADE DO FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A POPULAÇÃO E PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO CORAÇÕES COM COROA

OS DISCURSOS CENTRADOS NAS VÍTIMAS FAZEM-NOS ESQUECER AS JOVENS E AS MULHERES INFORMADAS, EMPODERADAS E DECISORAS QUE TÊM DE FUNCIONAR COMO UMA INSPIRAÇÃO PARA TANTAS OUTRAS.

D

Desde que abracei a causa do UNFPA fiquei naturalmente mais atenta às desigualdades sociais e à discriminação e, com base nas estatísticas e nos relatórios, comecei a ver o mundo através dos olhos, das vozes e dos gestos de todos aqueles para quem os Direitos Humanos, a Igualdade, a Saúde e o Desenvolvimento são apenas palavras sem tradução no quotidiano.

Como tinha prometido na última crónica, aqui vos trago reflexões e conclusões retiradas da minha participação na Conferência do UNFPA em Praga, onde, uma vez mais, aprendi muito sobre este nosso estranho mundo. Cruzei-me com mulheres e jovens da Geórgia, do Usbequistão, da Roménia, do Quirguistão, da Moldávia, do Azerbaijão, da Ucrânia, da Bulgária, da Albânia e de outros países da Europa de Leste e da Ásia Central e com eles constatei que existem avanços regionais em temas como a investigação sobre o género, saúde, demografia e educação, mas ao mesmo tempo também existem enormes desafios em matérias de Igualdade e de Direitos. Foi muito interessante testemunhar a participação de mulheres deputadas, membros de governos, responsáveis por políticas, investigadoras e ativistas, que falavam a linguagem do mundo real e que se assumem como agentes de mudança.

Três dias de profunda aprendizagem no que diz respeito aos direitos humanos e à participação política e cívica das mulheres. Muitas vezes, os discursos centrados nas vítimas fazem-nos esquecer as jovens e as mulheres informadas, empoderadas e decisoras que têm de funcionar como uma inspiração para tantas outras. A Seiri é uma jovem advogada que por ser de etnia cigana, romani, foi banida pela comunidade porque conseguiu continuar a estudar (secretamente com o apoio da família) e recusou o casamento arranjado. Hoje, encontra obstáculos à sua

integração. O seu destino passará pela emigração para um país onde a sua origem não representa uma ameaça ao exercício da profissão. Até esse tempo chegar, Seiri continua a trabalhar numa rede de jovens onde a Igualdade e a Não Discriminação são as prioridades.

Conheço a realidade de Portugal, onde se deram passos significativos e se colheram frutos ao nível do desenvolvimento e dos direitos fundamentais que estão em risco. Conheço a realidade de países como Timor-Leste, Moçambique, S. Tomé e Príncipe, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Haiti, Sudão do Sul, Índia e muitos outros. Conheço e leio os relatórios das chamadas economias emergentes, onde muitas pessoas continuam a enfrentar a pobreza, a discriminação, a doença e a violência. Mas em Praga conheci muitos outros rostos de uma Europa diferente. Aprendi que neste velho continente também existem casamentos infantis, precoces, arrançados, seleção sexual em favor de filhos rapazes, discriminação e violência com base no género nas suas várias formas. Não há dúvida de que a Europa de Leste e a Ásia Central estão também muito desiguais: as oportunidades de uns são os problemas de outros. E, no final de contas, são sempre as mulheres quem mais sofre. Este mês foi apresentado o Relatório de 2014 sobre os Objetivos de Desenvolvimento do Milénio (ODM). Falarei dele na próxima crónica, mas hoje deixo apenas as principais mensagens.

Foram alcançadas várias metas dos ODM: a pobreza extrema foi reduzida em cerca de metade; os esforços no combate à malária e tuberculose deram resultados; o acesso a uma fonte de água potável melhorada foi uma realidade para 2,3 mil milhões de pessoas; as disparidades nas matrículas na educação primária entre rapazes e raparigas estão a ser eliminadas em todas as regiões; a participação política das mulheres continuou a aumentar. No entanto, de acordo com o próprio relatório da ONU, "têm de ser feitos mais esforços para se reduzir a mortalidade materna – na sua maioria evitável – a nível mundial".

Em 2013, perto de 300 mil mulheres morreram por causas relacionadas com a gravidez e o parto; apenas 52% das mulheres grávidas tiveram quatro ou mais consultas em cuidados pré-natais; globalmente, continuam a acontecer, na África Subsariana e no Sul da Ásia, quatro em cada cinco mortes por dia nas crianças com menos de cinco anos. É também por tudo isto que urge aumentar e melhorar as oportunidades e mecanismos de participação da sociedade civil e priorizar a educação e saúde sexual e reprodutiva na construção da Agenda pós-2015. Porquê? Porque está provado: salva vidas!

**CONTINUAMOS
À ESPERA.**